

# Decolonialidade Quadrinística: análise de ciência em duas HQs brasileiras<sup>1</sup>

## Quadrinistic decoloniality: analysis of science in two Brazilian comics

**Kassiano Ademir Amorim Ferreira**

Universidade Federal de Santa Catarina  
kassiano.ferreira2@gmail.com

**Patricia Montanari Giraldi**

Universidade Federal de Santa Catarina  
patriciamgiraldi@gmail.com

### Resumo

O presente trabalho mostra a análise, para a Educação em Ciências, de duas Histórias em Quadrinhos brasileiras: Contos dos Orixás e Esquadrão Amazônia. As obras apresentam como temática heróis e super-heróis, inspirados em Orixás da cultura Yorubá, em lendas indígenas e fauna amazônica. Essa análise buscou de que modos essas obras podem ser inseridas na Educação em Ciências, pensando suas contribuições. Assim, objetivou-se discutir os sentidos de ciência e cientista nesses textos. Essa temática se entrelaça na busca dos efeitos de colonialidade presentes nessas duas HQs. Isso porque uma das bases teóricas que fundamentam essa investigação é a perspectiva decolonial. Tal perspectiva defende uma mudança epistêmica e social, confrontando as hegemonias que regulam a sociedade e propõe novas dinâmicas a partir dos subalternizados. Em nossas considerações apontamos uma discussão sobre a Decolonialidade Quadrinística, que busca novas discussões para as HQs e a forma de inserção na Educação em Ciências.

**Palavras-chave:** histórias em quadrinhos; decolonialidade; decolonialidade quadrinística.

### Abstract

The present work shows the analysis, for Science Education, of two Brazilian Comic Stories: Tales of the Orixás and the Amazon Squad. The works feature heroes and superheroes, inspired by Orixás from the Yorubá culture, indigenous legends and Amazonian fauna. This

---

<sup>1</sup> Esse trabalho é parte de uma dissertação defendida para o Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

analysis sought to analyze the ways in which these works can be inserted in Science Education. The objective was to discuss the meanings of science and scientist. This theme is intertwined in the search for the effects of coloniality present in these two comics. This is because one of the theoretical bases that support this investigation is the decolonial perspective. This perspective defends an epistemic and social change, confronting the hegemonies that regulate society and proposes new dynamics based on the subalternized. In our considerations, we point to a discussion on Quadrinistic Decoloniality, which seeks new discussions for comics and the way of insertion in Science Education.

**Key words:** comics; decoloniality; quadrinistic decoloniality.

## Introdução

Atualmente as Histórias em Quadrinhos (HQs) são consideradas como um meio de comunicação de massa (RAHDE, 1996; TESTONI, 2004), possuindo uma grande diversidade de conteúdos, formatos e focos. Algumas têm a função apenas de entretenimento, outras de informação e divulgação, ou ainda podem ter fins didáticos. Essas funções não são excludentes, já que existe uma sobreposição que enriquece esse material. Independentemente da função, as HQs possuem uma estrutura básica: uma narrativa é contada através de imagens sequenciais em quadros, que são combinadas com textos presentes nos balões de mais diversos tipos (LUYTEN, 1985 apud RAHDE, 1996).

A presença das HQs na educação como ferramenta pedagógica é firmada em 1996 quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é promulgada, propondo a inserção de outras formas de linguagem e manifestações artísticas, entre elas os quadrinhos, no ensino formal (SANTOS E VERGUEIRO, 2012). Assim concordamos com a importância da inserção de outras linguagens nos processos de ensinar ciências e aqui são propostas produções brasileiras, com temática de super-heróis. Essa escolha ocorre principalmente por possibilitar novas discussões, além do debate de conceitos científicos. A perspectiva discursiva, presente na Análise de Discurso brasileira de Eni Orlandi (2008, 2009) e decolonial que orienta nosso olhar para as HQs permite pensar através dessas obras, como é possível renovar o entendimento sobre qual ciência está sendo firmada e quais outros conhecimentos necessitam desse espaço de discussão no campo educacional.

## Decolonialidade e sua versão quadrinística

A colonialidade pode ser definida como um padrão de poder que surge na colonização, e se mantém até os dias atuais, criando dominações e subalternizações, pautada em elementos como a racialização e superioridade de saberes (SILVA, FERREIRA E SILVA, 2013). Ela naturaliza “[...] a subalternização epistêmica do outro não europeu e a própria negação e esquecimentos de processos históricos não europeus.” (OLIVEIRA E CANDAU, 2013, p. 279, tradução nossa). Assim sob essa óptica, o europeu passa a ser o modelo padrão, seja em questões de raça, episteme, modelo de sociedade e crenças. A colonialidade se estabelece em quatro eixos: poder, saber, ser e viver (WALSH, 2008).

Para esse trabalho, o principal eixo a ser abordado é a colonialidade do saber. Esse eixo estabelece “o posicionamento do eurocentrismo como a perspectiva única do conhecimento, o que descarta a existência e viabilidade de outras racionalidades epistêmicas e outros conhecimentos que não são os dos homens brancos europeus ou europeizados.” (WALSH, 2008, p. 137, tradução nossa). É no sistema educativo que essa colonialidade evidencia-se,

pelo ensino ser pautado sobretudo nas epistemologias de origem europeias.

Segundo Oliveira (2016), a ideia de Decolonialidade vem justamente ao propor formas de romper com a colonialidade, compreendendo como ela ainda é uma força presente no mundo diferindo assim da ideia de DEScolonialidade, que teria um papel com frequência ligado à denúncia de situações de subalternização, sem necessariamente apresentar saídas possíveis. E por mais que a denúncia tenha seu papel importante, é realmente necessário fazer proposições, teóricas e práticas, para romper com a colonialidade. Com a perspectiva decolonial se tem um processo de reconhecimento de outras histórias e formatos de presença no mundo, além da lógica racionalista estabelecida pelo capitalismo contemporâneo (ACHINTE, 2013).

Quando esse movimento decolonial ocorre dentro das páginas de HQs ocorre o que chamamos de Decolonialidade Quadrinística. Esse termo refere-se a um movimento decolonial dentro das páginas das HQs, quando a narrativa não apenas vai contra os quatro eixos da colonialidade, mas também contra os padrões de representação que as HQs vêm perpetuando por décadas. Do nosso ponto de vista esse movimento ocorre ao tecer narrativas onde os subalternizados assumem as posições de destaque no enredo, posições essas que historicamente não são atribuídos a eles, seja socialmente, seja nos próprios quadrinhos. Essa perspectiva contra hegemônica se torna mais relevante nas HQs, se considerarmos que muitas definições de formato e estilo de quadrinhos utilizadas, são provenientes de países hegemônicos, como Estados Unidos. É um movimento de resistência em um local (HQ) de dominação.

## As HQs analisadas

Para esse trabalho foram analisadas duas HQs brasileiras, com temática de heróis e super-heróis, e que aparentemente, após uma primeira leitura, apresentam relações com a Decolonialidade Quadrinística. Essas HQs são: *Esquadrão Amazônia* de Joe Bennett e Alan Yango e *Contos dos Orixás* de Hugo Canuto (Figura 1).

**Figura 1:** Capas do Esquadrão Amazônia e do Contos dos Orixás



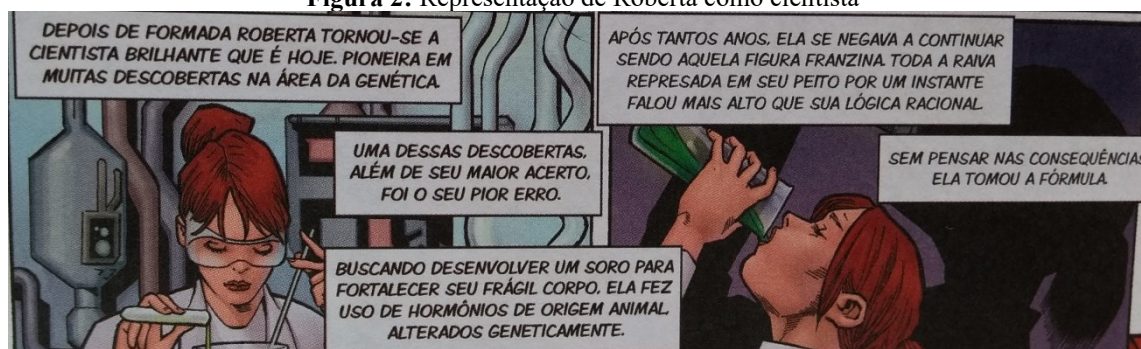
Fonte: Bennett e Yango (2016); Canuto (2018)

A HQ de Bennett e Yango (2016) retrata um grupo de super-heróis, inspirados em lendas e na fauna amazônica. No enredo esses heróis têm que impedir uma invasão alienígena em Belém do Pará. Já a obra de Canuto (2018) acompanha as aventuras de Xangô que junto com seus companheiros, tem que impedir o vilão Ajantala de tomar posse de uma poderosa fonte de energia vinda das águas. São nesses cenários que as análises ocorrem, para poder compreender como as HQs apresentam diferentes visões de ciência e cientista.

## Ciência e Cientista nas HQs analisadas

As duas HQs analisadas trazem em suas páginas, discursos relacionados à ciência, entendida aqui como uma produção de conhecimentos, tanto nos modelos mais conhecidos, como também em perspectivas decoloniais. Isso é percebido através da história de alguns personagens. A primeira delas é Onça (Roberta), uma renomada cientista na área da genética. Ela utiliza seus conhecimentos para criar uma fórmula, que acaba lhe concedendo poderes. Vemos a cientista Roberta em dois quadros (Figura 2), onde a personagem está em um laboratório. Ao fundo, várias máquinas estão presentes, assim como Roberta, está de jaleco e manipula tubos de ensaio e outras vidrarias típicas de laboratório.

Figura 2: Representação de Roberta como cientista

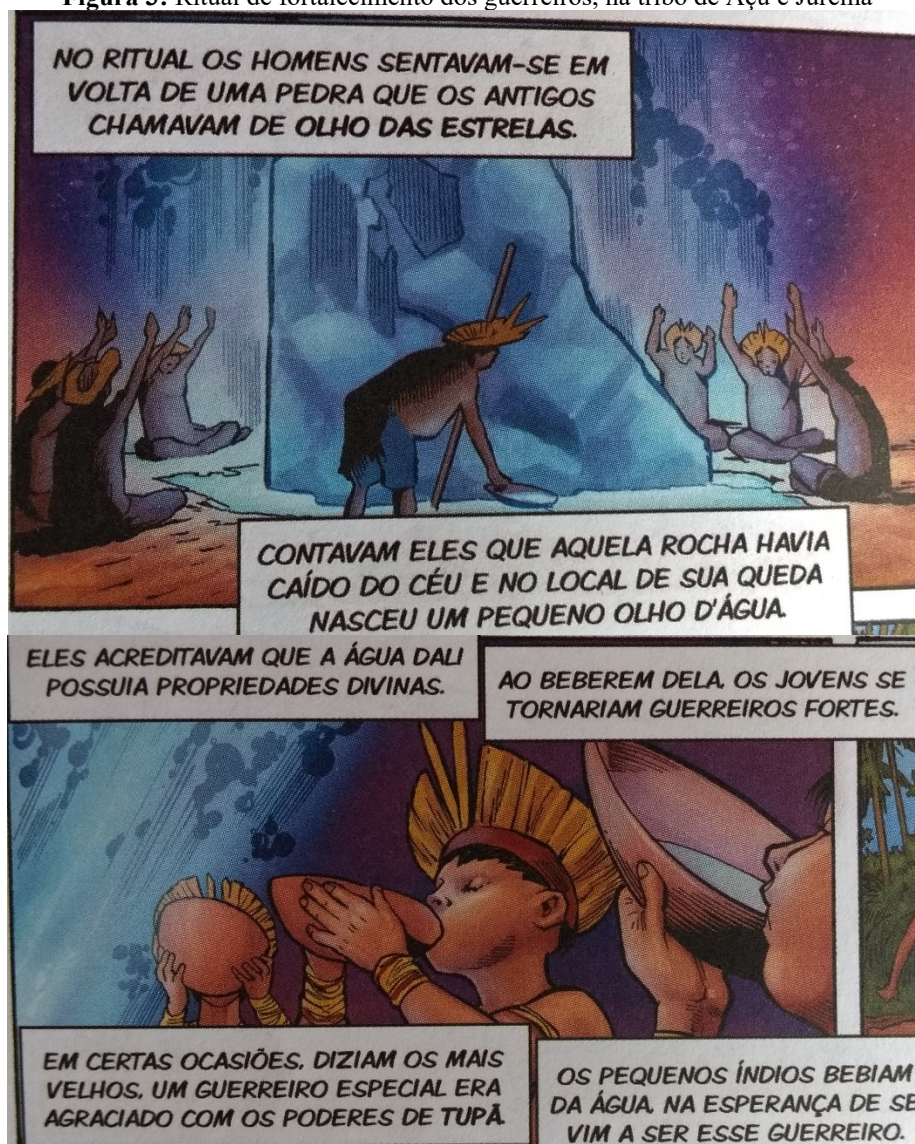


Fonte: Bennett e Yango (2016)

Apesar de haver uma cientista mulher, os autores se inscrevem em uma formação discursiva comum à visão de ciência: é feita exclusivamente em um laboratório, com equipamentos comuns a esse ambiente. Essa representação também mostra que a ciência é feita de forma individual e não coletiva, reforçando a ideia de criar grandes cientistas renomados, considerados gênios e que fazem sozinhos as grandes descobertas, no caso analisado, uma mulher branca. Todos esses fatores que os autores usam para definir suas percepções de ciência, se aportam na relação de sentidos que fazem com outras obras do gênero.

Dois outros personagens tem suas origens contadas: os irmãos indígenas Açu e Jurema. É dito que seus poderes apareceram depois de beberem a água de uma fonte que surgiu após a queda de uma rocha espacial. Açu faz isso durante um ritual (Figura 3) e Jurema de forma escondida do resto da tribo.

**Figura 3:** Ritual de fortalecimento dos guerreiros, na tribo de Açu e Jurema



Fonte: Bennett e Yango (2016)

É importante lembrar que o leitor funciona na HQ como um co-autor, onde constrói as sequências narrativas entre os quadros (LOVETRO, 1995) e assim, consideramos que ele vai além: também constrói fatos que não são mostrados, e que se passam anteriores ao tempo da história, a partir dos discursos que lhe são apresentados e da sua história de vida, conhecimentos e expectativas. Essa é uma forma de silêncio constitutivo, que como explicado por Orlandi (2009), escolhe-se uma forma de fazer o discurso, apagando outras formas. “Em princípio o silêncio não fala, ele significa.” (ORLANDI, 2008, p. 129).

Partindo dessa relação entre significação do silêncio e configuração das HQs, que se pode pensar o ritual. Não é conhecido quando a rocha caiu do céu, muito menos quando foi identificada pela tribo. Mas pelas falas acima transcritas, os sentidos que são produzidos levam a crer que são fatos ocorridos anteriormente ao nascimento dos personagens. Então para a realização desse ritual os moradores da tribo além de terem descoberto essa fonte de água, ainda descobriram que ela possui propriedades especiais, que podiam ser utilizadas em seu favor, no caso específico, fortalecer os guerreiros. Existe um conhecimento a respeito daquela rocha, que foi construído durante gerações e passou a ser utilizado em benefício daquela comunidade.

Não há uma investigação em laboratório para achar os elementos presentes na água assim como suas reações no corpo que garantem habilidades especiais para quem a toma. Mas, existe uma produção de conhecimento e investigação desse material de outras formas, também não demonstradas, por aquela comunidade que não está totalmente sujeita aos métodos da ciência dominante. Justamente por não estar adequado aos métodos dessa ciência dominante, esse conhecimento da tribo não é considerado como válido para a sociedade capitalista-moderna.

Por outro lado, a forma como a Onça é gerada pela cientista é considerada científica, já que Roberta trabalha em um laboratório e possui formação acadêmica. Existe um processo de inferiorização dos conhecimentos indígenas nessa relação. Classificados como mágicos, logo opostos aos científicos, são totalmente desconsiderados como uma produção de conhecimento relevante, já que fogem das explicações da racionalidade dominante.

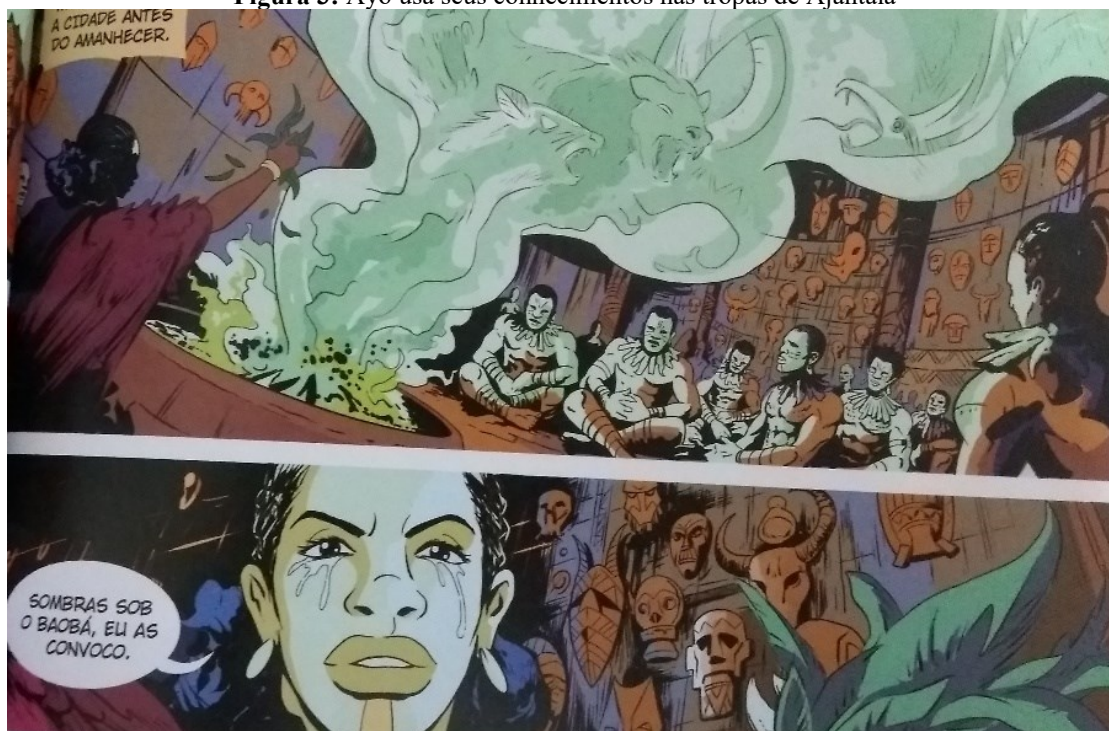
Assim como afirma Bronowski (1997) “[...] nenhum sistema formal abrange todas as perguntas que podem ser respondidas.” (p. 49), o que abre espaço para que esses outros conhecimentos tenham sua relevância. Esse aspecto também é defendido por Freire (1983), ao falar sobre a existência de toda uma lógica no pensamento mágico, assim como também defende a relevância e importância dos conhecimentos populares (FREIRE, 1989), que aqui estendo tal ideia para os conhecimentos indígenas.

Firmando um efeito de colonialidade, tanto do saber quanto do ser, o quadrinho dicotomiza a ciência dos conhecimentos tradicionais. Ainda leva a uma produção de sentidos sobre ciência ligada exclusivamente a uma formação acadêmica e a produção em laboratório, enquanto reforça os estereótipos de conhecimentos indígenas como algo mágico e por causa disso, pouco relevante. Porém com um deslizamento de sentidos, e um olhar decolonial, vemos que o conhecimento indígena é sim relevante e tão eficiente quanto a tradicional. No contexto da HQ ela produz dois guerreiros que são importantes no enredo e são destaques nas batalhas.

Após esse modelo comparativo, fica mais evidente que existem outras perspectivas que podem ser compreendidas como epistemologias válidas, além dos discursos hegemônicos. Com isso em Contos dos Orixás, não serão feitas comparações internas, até porque a HQ em si não fornece elementos para isso. O destaque é para a personagem Ayô. A jovem, nomeada como feiticeira, possui conhecimento sobre as plantas e seus usos (Figura 16). Utilizando mais uma vez dos silêncios narrativos da HQ, assim como dos deslizamentos de sentido, compreende-se que Ayô tem esse conhecimento herdado de gerações anteriores, passados

através dos anos por seus detentores.

**Figura 3:** Ayô usa seus conhecimentos nas tropas de Ajantala



Fonte: Canuto (2018)

Assim como no exemplo dos irmãos indígenas, essa é uma outra forma de conhecimento utilizada em benefícios de comunidades. Fazendo paralelos com o mundo real são inúmeros os princípios ativos, propriedades medicinais e outros usos de plantas que são patenteadas por vários laboratórios e empresas. Muitos desses já eram conhecidos e utilizados por povos ancestrais, antes de serem assimilados pela ciência moderna.

Outra prova disso é através das relações de sentido entre esses discursos e alguns relacionados à ciência. É de conhecimento geral como as produções da ciência muitas vezes são usadas de forma destrutiva para a natureza e humanidade. As bombas atômicas lançadas durante a II Guerra Mundial são um exemplo clássico desse fato. Na HQ ocorre algo semelhante, mostrando que os conhecimentos, independentemente de quais sejam, são usados pela humanidade naquilo que consideram favorável. Os conhecimentos sobre plantas de Ayô são utilizados pelos vilões, em um plano de destruição da cidade Oxogbô. Ela é obrigada a usar o que sabe para controlar as tropas a favor de Ajantala.

As duas HQs trazem diferentes olhares sobre a produção de conhecimento. Mesmo mostrando a ciência hegemônica sendo feita em laboratório, também são demonstradas outras formas a partir de uma outra matriz epistêmica. Isso ressalta os efeitos da colonialidade do poder, ao entender que ciência é ligado ao laboratório, ao mesmo tempo que também mostra que é possível ir contra esse eixo usando as HQs. Vale ressaltar que conhecer outras epistemologias e conhecimentos não significa descartar totalmente a ciência vigente, já que ela se faz extremamente necessária para a sociedade. O que defendemos é que outras formas de produzir conhecimento sejam agregadas à Educação em Ciências.

## Conclusões

Os exemplos aqui discutidos mostram como a ciência hegemônica que pauta todo um sistema de ensino, além da retroalimentação do sistema capitalista pode silenciar completamente outros saberes. É evidente como a tribo de Açu e Jurema, além de Ayô, são produtores de conhecimento, são personagens que seguem uma epistemologia e metodologias outras. Mas o processo histórico da colonialidade nos leva a ver como saberes locais e tradicionais, tornando-se algo inferior pertencentes a seres inferiores (MENESES, 2014). Levando em conta a sociedade capitalista-tecnológica que predomina no mundo o conjunto desses conhecimentos é tratado como não relevante para o desenvolvimento contínuo dessa sociedade. E essas HQs podem ser um ponto de partida para uma discussão sobre como todos esses conhecimentos são importantes, pois eles fazem diferença para as sociedades em que estão inclusos.

Discutir o que é ciência é tratar de todos os eixos de colonialidade que foram apresentados. Mas principalmente a do saber. Essa colonialidade que determina o que é ou não um conhecimento válido, e isso é levado para os currículos das escolas (BARBOSA E CASSIANI, 2015). Mas como defende Freire (1989), a educação não é neutra e não segue somente a ideologia dominante, e por isso que se deve dar a importância e relevância aos conhecimentos populares e dos povos originários, no campo educacional. Assim as HQs, condizentes com a Decolonialidade Quadrinística são um importante material para contribuir com essas mudanças.

## Agradecimentos e apoios

Agradeço a CAPES pelo financiamento da pesquisa.

## Referências Bibliográficas

ACHINTE, Adolfo Albán. Pedagogías de la Re-Existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine (Org). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya Yala, 2013. cap. 13, p. 443-468.

BARBOSA, Alessandro Tomaz; CASSIANI, Suzani. Efeitos de colonialidade no currículo de ciências do ensino secundário em Timor-Leste. **Revista Dynamis**, v. 21, n. 1, 2015.

BENNETT, Joe; YANGO, Alan. **Esquadrão Amazônia** vol. 1; Bennett e Carmona Studios, 2016.

BRONOWSKI, Jacob. **As origens do conhecimento e da imaginação**. Tradução de Maria Julieta de Alcântara Carreira Penteado. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

CANUTO, Hugo. **Contos dos Orixás**. 1ª ed. Salvador, BA: Selo independente, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Extensão e Comunicação**. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.



- LOVETRO, José Alberto. Quadrinhos – a linguagem completa. **Comunicação e Educação**, v. 2, 1995.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 8ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. O que é uma educação decolonial. **Nuevamérica** (Buenos Aires), v. 149, 2016.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogía decolonial y educación anti-racista e intercultural en brasil. In: WALSH, Catherine (Org). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. cap. 8, p. 275-303.
- RAHDE, Maria Beatriz. Origens e evolução da história em quadrinhos. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v. 3, n. 5, 1996.
- SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS Revista Científica**. São Paulo, n. 27, 2012.
- SILVA, Janssen Felipe da; FERREIRA, Michele Guerreiro; SILVA, Delma Josefa da. Educação das relações étnico-raciais: um caminho aberto para a construção da educação intercultural crítica. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 1, 2013.
- TESTONI, Leonardo André. **Um Corpo que Cai: As Histórias em Quadrinhos no Ensino de Física. Dissertação (mestrado)**, - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Pós-Graduação em Educação, 2004.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad, Plurinacionalidad y Decolonialidad: las insurgências político-epistémicas de refundar el estado. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, n. 9, 2008.